

AS VOZES DA INFÂNCIA POR UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Juliana Correia¹

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
julianacorreia.comunicacao@gmail.com

Introdução

O que as crianças têm a dizer sobre racismo, infância e educação? A pesquisa intitulada “A contação de histórias numa perspectiva afrocentrada e o combate ao racismo na escola” se concentra na escuta de dez crianças do ensino fundamental de uma escola particular localizada nas proximidades do morro da Mangueira, no subúrbio do Rio de Janeiro. Para este congresso, apresento a fundamentação teórica e o horizonte metodológico da pesquisa, que compõem a primeira parte da investigação.

Metodologia

A metodologia empregada é a pesquisa participante, tendo a entrevista como método, a partir da técnica de grupo focal. São três encontros semanais de quarenta minutos, onde brincadeiras e contação de histórias fomentam a interação entre as dez crianças participantes da pesquisa e a pesquisadora. Todos os encontros são registrados em caderno de campo e por gravação em áudio. As atividades partem do contato das crianças com contos africanos e afro-brasileiros que compõem o repertório do BaObazinhO, projeto que alia memória, arte e educação, idealizado por mim em 2014. Tal projeto já circulou por mais de vinte escolas municipais do Rio de Janeiro, além de outros espaços como associação de moradores, terreiros de candomblé e a pastoral Afro-brasileira. O objetivo é ouvir das crianças o que pensam sobre educação, racismo e infância e pensar a construção de uma educação antirracista a partir do que elas próprias dizem.

Discussões

A fundamentação teórica para esta investigação é composta pela Filosofia Afroperspectivista ou Afroperspectividade e o paradigma da Afrocentricidade. A Filosofia Afroperspectivista é uma abordagem filosófica pluralista, formulada por Nogueira (2015), em construção desde 2010, tendo um contexto multirreferenciado e multifacetado como fundamento.

A afroperspectividade tem muitas referências, vários registros, englobando várias vozes, trazendo à tona racionalidades distintas, considerando o universo como parte de um pluriverso bem mais amplo do que aquilo que

¹ Arte-educadora e Mediadora de Leitura. Mestranda em Educação, do Programa de Pós-graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - PPGEduc/UFRRJ. Graduanda em Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. Estudante do grupo de pesquisa Afroperspectivas, Saberes e Infâncias - AFROSIN/UFRRJ e do Núcleo de Estudos e Práticas em Arte-Educação, do Colégio Pedro II – NEPArte/CP2

nos rodeia. Por isso, não trabalhamos com a ideia de universalidade, tampouco com a noção de uma racionalidade padrão. (...) Em poucas palavras, assumimos que existem sistemas distintos de racionalidade e que nenhum deve se sobrepor ao outro. O que não tem nada a ver com relativismo. (NOGUERA et al., 2016, p.283)

A Afroperspectividade reconhece a legitimidade das formas distintas de produções de conhecimento e pensamentos das sociedades, etnias e grupos chamados de “minoritários”, violentados pela supremacia branca², eurocêntrica. Isso inclui os saberes e fazeres das mulheres, das crianças, das pessoas homoafetivas, por exemplo, reconhecendo-xs como sujeitos.

A afroperspectividade é uma maneira de fazer filosofia que recusa a verticalidade edificada. Ela nos convida a pensar em termos de horizontalidade, como é o caso do uso da roda como método. A roda é um projeto de construção colaborativa na qual tudo ocorre em espaços intersticiais, território de conflitos e negociações (NOGUERA et al., 2016, p.284).

A Afroperspectividade é demarcada por repertórios africanos, afrodiaspóricos e ameríndios. Baseada em um tripé composto pela afrocentricidade, pelo quilombismo e pelo perspectivismo ameríndio - por sua vez, sistematizados por Molefi Kete Asante (1987), Abdias do Nascimento (1980) e Eduardo Viveiros de Castro (1996), respectivamente - a Filosofia Afroperspectivista aponta para o nosso repertório cultural como base para a construção de um currículo contra-hegemônico.

(...) se o filósofo alemão Adorno usou Ulisses para fazer uma leitura da Modernidade, se Nietzsche falou de Apolo e Dionísio, nós usamos outras personagens: Exu, Pomba-Gira, Zé Malandro, Zumbi dos Palmares, Ogum, Oxóssi, Tupã, Iara, dentre outras (NOGUERA, 2015, p.6).

Apesar da Afroperspectividade se apoiar no tripé acima citado, esta pesquisa se concentra apenas em uma das três referências que é o paradigma da Afrocentricidade. Tal paradigma reconhece como africano tanto os homens, as mulheres e crianças negras que nasceram e vivem no continente africano como nós, negros e negras que nascemos e vivemos em território afrodiaspórico. Trata-se de um paradigma cultural, que tem a conscientização política em seu cerne, em prol de uma unidade africana, entendendo a história, a cultura e a ancestralidade negroafricanas como bases para (re)estabelecer tal conexão. Um modelo para a reconstrução dos laços violentamente destruídos pelo ocidente, graças aos séculos de escravidão e colonização.

A ideia de conscientização está no centro da afrocentricidade por ser o que a torna diferente da africanidade. Pode-se praticar os usos e costumes africanos sem por isso ser afrocêntrico. Afrocentricidade é a conscientização sobre a agência dos povos africanos. Essa é a chave para a reorientação e a recentralização, de modo que a pessoa possa atuar como agente, e não como vítima ou dependente. (ASANTE, 2009, p.94)

² De acordo com Ama Mazama (2009, p.112) em seu artigo A afrocentricidade como um novo paradigma, supremacia branca é o complexo que se expressa tanto pela violência física (escravidão, genocídio, encarceramento) quanto por um processo sócioeconômico (monopólio dos bens materiais e imateriais) e também por controle mental, a partir da imposição de “ideias, teorias e conceitos europeus como universais, normais e naturais”.

Concordo com Noguera (2010) quando afirma que a localização e a agência são duas categorias indissociáveis apresentadas pela Afrocentricidade. Por agência, entenda-se a capacidade de articulação das pessoas negras em prol da emancipação física e mental de seu povo e, por localização, as narrativas, as práticas, as epistemologias de autoria negroafricana, ou seja, o negro e a negra atuando a partir de suas lógicas próprias, produzindo conhecimento a partir dos próprios métodos, conceitos e experiências.

A afrocentricidade é uma questão de localização precisamente porque os africanos vêm atuando na margem da experiência eurocêntrica. Muito do que estudamos sobre a história, a cultura, a literatura, a linguística, a política ou a economia africanas foi orquestrado do ponto de vista dos interesses europeus. (ASANTE, 2009, p.93)

Pensando a localização e a agência, categorias apresentadas pelo paradigma da Afrocentricidade que entende o negro e a negra como sujeitos africanos, independente se natural ou vivendo no continente africano ou em território afrodiáspórico e a Filosofia Afroperspectivista, que reconhece a legitimidade dos diversos sistemas de racionalidade, incluindo aí as crianças como sujeitos produtores de cultura e conhecimento, a partir de lógicas próprias, esta pesquisa tem como objetivo aprender com as próprias crianças, em sua maioria negras, moradoras de favela, o que pensam sobre racismo, infância e educação.

Resultados

Até o momento, é possível perceber que as crianças rejeitam, em sua maioria, as características físicas que a identifiquem como negras. Esta observação foi possível por conta do auto-retrato, desenho que pedi para que fizessem no nosso primeiro grupo focal. Tenho intenção de repetir esta atividade no nosso último encontro, previsto para dezembro de 2018. Será uma maneira para investigar se o contato com um repertório de contos e histórias africanas e afro-brasileiras favoreceu a construção positiva da própria imagem.

Considerações Parciais

Partindo da Filosofia Afroperspectivista e de uma de suas bases que é o paradigma da Afrocentricidade, a pesquisa se desenvolve com base em um repertório afrodiáspórico, ou seja, pautada por referenciais teóricos de autoria negra. As atividades lúdicas no campo da pesquisa, que partem de contos africanos e afro-brasileiros a fim de promover a construção coletiva de uma perspectiva positiva sobre o continente africano e as lutas do povo negro no Brasil também são uma escolha política, inspirada no desejo da pesquisadora em trabalhar pela construção de um currículo contra-hegemônico. No entanto, assim como a Filosofia Afroperspectivista, esta pesquisa não está encerrada e linhas de pensamento que possam contribuir para o desenvolvimento de uma educação antirracista serão bem-vindas. Esta investigação se concentra na escuta das crianças e a partir da contação de histórias africanas e afro-brasileiras as narrativas delas próprias começam a surgir também.

Referências

ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro, 2009. p.93-110.

ASANTE, Molefi Kete. *Afrocentricity*. 3rd edition, Trenton: Africa World Press, 1987.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 115-144, Oct. 1996. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131996000200005 access on 16 Sept. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93131996000200005>.

MAZAMA, Ama. A afrocentricidade como um novo paradigma. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 111-127.

NASCIMENTO, Abdias do. *O Quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista*. Petrópolis: Vozes, 1980.

NOGUERA, Renato; SILVA, Wallace Lopes; MORAES, Marcelo J. D. A fazenda, 13 de maio e seus espectros: racismo e resistência em afroperspectiva. In.: SILVEIRA, Ronie Alexsandro Teles da (Org.). *A Fazenda e a filosofia*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2016.

NOGUERA, Renato. Afrocentricidade e educação: os princípios gerais para um currículo afrocentrado. *Revista África e Africanidades* n.11, novembro, 2010.

_____. Afroperspectividade: por uma filosofia que descoloniza. Disponível em <http://www.geledes.org.br/afroperspectividade-por-uma-filosofia-que-descoloniza/>. 2015